

# Antonio Faggiani, 41 anos de Unicamp, recebe no Consu título de Servidor Emérito

Funcionário, que começou como servente em 1967, é homenageado pelo Conselho Universitário

LUÍZ SUGIMOTO

sugimoto@reitoria.unicamp.br

**H**ouve um dia em que o professor Plínio Alves de Moraes, reitor da Unicamp de 1978 a 1982, foi pessoalmente ao Serviço de Controle de Registros Acadêmicos (Serca) e perguntou por Antonio Faggiani. Não existia ninguém com esse nome, ouviu do atendente. O reitor, que voltou meio desconcertado ao gabinete, teria sido recebido de pronto se procurasse pelo Toninho, simplesmente.

Já bastante conhecido no campus como Toninho do Serca, Faggiani se tornaria uma celebridade humilde e silenciosa, então como Toninho da DAC (a posterior e atual Diretoria Acadêmica). Ainda hoje, quando ele conta 41 anos de Universidade, os mais jovens tuteiam em chamá-lo de “professor” ou “senhor”, e acabam pedindo licença para tratá-lo por Toninho, encorajados pela empatia à primeira vista.

No último 7 de abril, dia do seu aniversário de 62 anos, Antonio Faggiani vestiu terno e gravata para receber o título de Servidor Emérito da Unicamp, na sala do Conselho Universitário (Consu) lotada por familiares, docentes, funcionários e estudantes sinceramente dispostos a homenageá-lo. “Nem que eu fosse o melhor orador do planeta conseguiria externar a minha gratidão ao receber tão honroso título”, disse com seu jeito simples.

Entrevista marcada para o dia seguinte na DAC, Toninho desculpou-se pelo atraso devido a outra homenagem, desta vez dos seus funcionários, impedidos por força do protocolo de entregar a sua mensagem na cerimônia do Consu: “Um homem no início tímido, franzino, mas dono de uma imensa vontade de se transformar, de aprender e de crescer”; “Você corre em paralelo com o tempo para não ficar ultrapassado”; “Você é feliz, pois na sua matemática de vida, dividir é sempre a melhor solução”, eram alguns elogios dos colegas.

Nascido na roça em Amparo, Toninho veio com apenas 2 anos de idade para Campinas – “Sou campineiro, amo esta cidade”. Aqui, o pai foi trabalhar na fábrica de fogões Paterno, com fornos a 900 graus onde eram colocadas as peças esmaltadas. A mãe cuidava da casa e dos 11 filhos. “Infelizmente, fui o único que estudou. A grande mudança na minha vida foi a entrada na Unicamp”, afirma convicto, sem conter a lágrima escorrendo do olho esquerdo.

Toninho diz ter encontrado “um ambiente transformador” na Universidade, onde começou trabalhando como servente, no final de novembro de 1967. Ele não se esquece dos primeiros chefes, João Pavanati e José Stella, que o promoveram à manutenção elétrica. Nem de Tiãozinho, colega da Zeladoria que o arrastou pelo braço para se inscrever no concurso para escriturário. E tampouco de Diva do Amaral Furlan, que o acolheu no setor de alunos depois que passou no concurso.

Foi a partir de janeiro de 1969, perto de completar 22 anos, que Toninho entrou em contato mais direto com os alunos, como os das engenharias, cujas conversas e estripulias, em frente ao saguão do Cotuca, o escriturário observava com invejosa admiração. “Tomei a decisão de fazer o que fosse preciso para recuperar o tempo perdido e in-



Antonio Faggiani, o “Toninho da DAC”, em três momentos: na Diretoria Acadêmica (acima), discursando ao receber o título de Servidor Emérito (abaixo) e ao chegar na Unicamp, em 1967 (no destaque, à direita)



## ‘O que se faz hoje, não se repete amanhã’

Nos períodos mais atribulados, como de vestibulares e de matrículas, a Diretoria Acadêmica (DAC) chega a atender 2 mil alunos por dia, sendo que muitos deles são recebidos pessoalmente por Antonio Faggiani. “O tempo corre rapidamente e, ao contrário da rotina burocrática que o nome do órgão sugere, o dia-a-dia é muito dinâmico: o que se faz hoje, não se repete amanhã. Daí, que ficamos cada vez mais experientes”, brinca Toninho.

Com tantos alunos levando seus problemas, é natural que o coordenador da DAC deixe de reconhecer muitos que o abraçam nas ruas do campus e, também, que não se lembre de detalhes da maioria dos “causos”. Toninho lembrou no discurso como servidor emérito, entretanto, que eram exatamente 22h45 quando recebeu a ligação de uma mãe de aluno angustiada, dizendo que o filho ia se suicidar. “Falei com o rapaz ao telefone e marcamos um encontro para o dia seguinte”.

Era dia atribulado de matrícula, mas Toninho conversou por duas horas com o aluno, que ao final perguntou se poderia contar as confidências ao médico. “Eu respondi: ‘Você deve falar tudo para o seu médico; eu sou apenas um amigo, que estará aqui sempre que precisar’. Mesmo depois de formado, ele me procurou para conversar”.

Alguém para conversar e se sentir gente, segundo Toninho, era apenas o que o jovem com pretensões suicidas precisava, assim como uma moça chamada Silvia, que se julgava uma fracassada. “Ela queria desistir do curso, achava que não adiantava estudar porque não conseguiria concluí-lo. Vi que era questão apenas organizar sua vida. Passamos a planejar todas as suas matrículas e ela terminou o curso com sucesso. Na época, não éramos casados”.

Toninho adquiriu esta vocação para ajudar os outros desde seu início na Unicamp, quando tantos o ajudaram. Muitos ex-alunos demonstram a mesma gratidão, como a grávida então prestes de dar à luz, que anos depois voltou com a filha ingressante no curso de Engenharia Química. “É esta a menina que estava na minha barriga quando te procurei”, disse a Toninho, que não recorda o tipo de ajuda que prestou à hoje senhora.

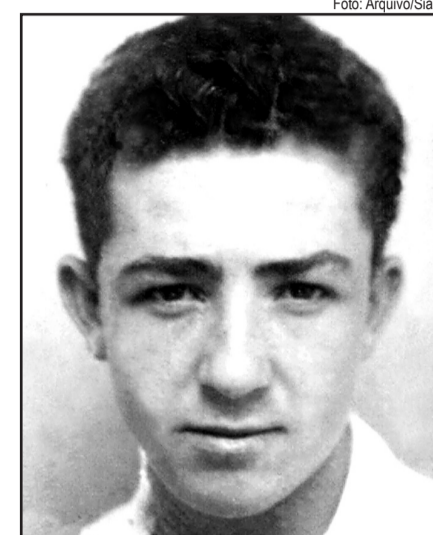
Mais recentemente, a secretária interrompeu uma reunião para avisar sobre um rapaz que passava por Campinas e não queria partir sem falar com Toninho. “Sai da sala e lá estava ele, mostrando dois diplomas em ciências sociais, um de graduação e outro de mestrado: ‘Sou aquele soropositivo que você ajudou’, disse. Dei um abraço pelo sucesso, mas, sinceramente, não me lembrava dele”.

### Aposentadoria

Aposentadoria, nem pensar, ao menos enquanto Antonio Faggiani se sentir útil para os alunos, e ainda mais porque ele conta com o apoio da mulher Silvia e das filhas Priscila e Isabela para seguir na labuta, embora pudesse estar em casa desde outubro de 1996. “Foi mais difícil no começo, quando implantamos o embrião deste sistema informatizado. Certa vez, ficamos dentro da Unicamp da sexta até a tarde da segunda-feira, e ainda descontaram os dias do salário porque não pude marcar o cartão de ponto. O professor Murillo teve que pedir ao reitor Zeferino Vaz que reembolsassem meu dinheiro”.

Hoje, a DAC está bem instalada no prédio do Ciclo Básico II, onde funcionam 18 salas de aula e seis laboratórios – obra que Toninho atribui ao jeito mineiro de administrar do professor José Tomaz Pereira, enquanto pró-reitor de Graduação. E, na opinião dos funcionários, a presença de Faggiani é fundamental. “O trabalho com ele é uma corrida contra o tempo, por causa do seu estilo ágil, resolvendo tudo ao mesmo tempo – é multifuncional. O dia-a-dia com ele é um aprendizado constante, tanto na parte profissional como humana”, afirma Denise de Cássia Lena, diretora do Serviço de Elaboração de Documentos Acadêmicos.

“Ninguém sabe como será o dia de amanhã, mas só deixarei a Unicamp quando chegar à conclusão de que estou sendo um estorvo; enquanto isso, estarei por aqui. Perdoe a falta de modéstia, mas acho que sou muito útil aos alunos, ainda que às vezes não possa ajudá-los devido a problemas institucionais”, desculpa-se o servidor emérito.



gressar na universidade, como eles”.  
O carinho que Toninho guarda pelos docentes, principalmente da Matemática e da Física, nasceu durante o supletivo, quando eles sentavam ao seu lado para ajudar nas lições e incentivá-lo. “A professora Zoraide Argüello, por exemplo, me ensinou a lidar com a régua de cálculo, o que não é tarefa fácil. Quando digo que amo a Unicamp, é porque existe toda uma história por trás, toda a ajuda que recebi para poder me transformar”.

De fato, Toninho passou no vestibular para ciências administrativas na PUC de Campinas, em 1972, mas não tinha como bancar a mensalidade. Lembra com gratidão do gesto amigo do professor Rubens Murillo Marques, criador do Instituto de Matemática, que telefonou diretamente para o reitor da universidade co-irmã. “Pediram que eu passasse na PUC à noite e, pronto, sai com uma bolsa de estudos. No terceiro ano, embora o salário continuasse apertado, achei justo abrir mão da bolsa em prol de outra pessoa”.

A Murillo Marques, Toninho também deve sua introdução na lida da área acadêmica. O docente, então presidente da Câmara Curricular, foi quem começou a informatizar o sistema de créditos e de matrículas por disciplinas, o que em 1970 era uma ousadia. A evolução do jurássico IBM 1130 até o poderosíssimo IBM AIX dos dias atuais, deu mote ao servidor emérito para uma analogia em seu discurso: “Pode-se dizer que a redução do tamanho dos computadores foi equivalente à evolução da Unicamp nessas quatro décadas”.

Os alunos, que mereceram a atenção de Toninho durante todo esse tempo, inspiraram outra comparação. “Para mim, é maravilhoso observar o crescimento da Unicamp. Participei desse progresso vendo os cursos de graduação passarem de 10 para 64, os de pós-graduação de zero para 139, o número de alunos de graduação de 698 para 16.183 e os de pós-graduandos de zero para 12.155. Os graduados da Unicamp totalizavam 43 em 1968 e, no final de 2008, eram 46.073; os pós-graduados saltaram de zero para 30.925”.

Toninho responsabiliza o professor Nelson de Castro Machado, grande amigo até hoje, por ter criado o marco do Sistema de Controle Acadêmico e por tê-lo viciado em programação na linguagem Fortran, que o ajudou a sistematizar as informações sobre o corpo discente da Unicamp durante anos. A idéia, que era de transformar os dados em dissertação de mestrado, acabou dando em livro. “Era o primeiro estudo sobre o tema e o reitor Carlos Vogt insistiu em sair na frente das outras instituições”.

No livro publicado em 1993, Toninho analisa o percurso de 27.624 alunos de graduação no período de 1970 a 1991, focalizando formaturas, repetências, flutuação e evasão. Na época, o trabalho despertou o interesse do ministro da Educação Paulo Renato de Souza, que convidou o reitor José Martins Filho para apresentar uma palestra elaborada com a ajuda do professor José Tomaz Vieira Pereira. Uma comissão nacional, envolvendo todas as instituições de ensino brasileiras, realizou um trabalho de avaliação utilizando praticamente a mesma metodologia.